



A PSICANÁLISE PARA ALÉM DA CLÍNICA: A TRANSFERÊNCIA COMO CONDIÇÃO ÉTICA DA SINGULARIDADE EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS

¹Isabella Pereira de Lima Ramos

²Ana Cláudia Conceição da Silva

Historicamente situada no campo da clínica tradicional, a psicanálise tem, progressivamente, ampliado seus espaços de atuação, inserindo-se em diferentes instituições, como Centros de Atenção Psicossocial e diversos ambientes de produção cultural, social, artística e política. Tal expansão, embora revele a vitalidade e a atualidade da psicanálise, suscita tensões fundamentais: de que maneira esse campo pode manter sua ética e sua especificidade quando atravessado por práticas institucionais que privilegiam a normatividade, a produtividade e a adaptação social? Este artigo tem como objetivo examinar a possibilidade de preservação da ética e da singularidade da psicanálise em contextos institucionais, investigando como seus principais operadores conceituais, em especial o conceito de transferência, oferecem sustentação a uma prática que se distingue das abordagens normativas. Ao contrário das perspectivas que concebem o sujeito a partir de parâmetros de normalidade ou patologia, a psicanálise o reconhece como efeito da linguagem e do inconsciente, reposicionando, assim, a clínica em relação às exigências institucionais. Trata-se de uma investigação teórica, construída a partir da análise de textos fundamentais que problematizam a inserção institucional da psicanálise. Essa metodologia de caráter bibliográfico permite retomar as sólidas bases conceituais do campo e discutir seus desdobramentos no cenário contemporâneo. O conceito de transferência, introduzido e reelaborado ao longo da construção teórica da psicanálise, é tomado como eixo transversal. Esse conceito foi estabelecido como elemento constitutivo da experiência analítica e, ao ser redefinido em articulação com o desejo e a linguagem, ampliou sua potência para pensar a prática em diferentes espaços sociais. A transferência, entendida como condição irreduzível da psicanálise, não se restringe ao consultório, mas se manifesta em qualquer situação em que a palavra seja convocada e em que o sujeito do inconsciente possa emergir. A análise evidencia que, mesmo em instituições reguladas pela normatividade e pelo imperativo de desempenho, a psicanálise mantém sua potência de operar pela via da escuta e do manejo da transferência. Nesse ponto, a articulação com o Letramento Racial, entendido como prática dialógica antirracista, mostra-se crucial. A psicanálise precisa enfrentar a matriz colonial do saber e a branquitude como ideal de eu hegemônico, que sustenta formas de segregação racial. Assim, a presença psicanalítica nas instituições pode favorecer espaços de escuta que não apenas acolham a singularidade, mas também desfaçam silenciamentos históricos, abrindo caminho para o reconhecimento do sujeito atravessado pela raça, pelo gênero e pela classe. Nesse sentido, a prática psicanalítica não se confunde com práticas adaptativas ou pedagógicas, mas cria um espaço singular que escapa às rígidas exigências de padronização, abrindo lugar para a enunciação subjetiva do sujeito. Esse espaço constitui, portanto, uma fissura ética dentro das instituições, onde se possibilita a circulação da palavra e a emergência

^{1,2} Centro Universitário Jorge Amado



de significantes que não encontram lugar nos discursos normativos. O manejo da transferência, articulado à escuta atenta e à prática antirracista, garante a preservação da singularidade e reafirma a relevância da psicanálise em contextos contemporâneos, marcados pelo predomínio de lógicas de controle, produtividade, segregação e exclusão.



ENTRE O INCONSCIENTE E O IMAGINÁRIO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DOS CONTOS DE FADAS E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

¹João Victor Lago Paim

Os contos de fadas, desde os primórdios da tradição oral até suas versões literárias, sempre ocuparam um lugar privilegiado na formação simbólica do sujeito. À luz da psicanálise, essas narrativas revelam não apenas aspectos lúdicos, mas também estruturantes do inconsciente e do processo de subjetivação da criança. Fundamentada nas teorias de Sigmund Freud e Bruno Bettelheim, esta palestra propõe discutir de que maneira os contos de fadas funcionam como instrumentos simbólicos de elaboração de angústias, desejos e conflitos internos, auxiliando na construção da identidade psíquica e emocional. A partir de uma abordagem teórica e interpretativa, busca-se compreender como o conteúdo inconsciente presente nessas histórias atua na organização das pulsões e no enfrentamento das fases do desenvolvimento infantil. Além disso, serão analisadas as representações de figuras arquetípicas — como o herói, a madrasta e o lobo — e seu papel na constituição das estruturas do ego, do superego e do id. O estudo tem como objetivo principal refletir sobre a relevância dos contos de fadas sob a ótica psicanalítica, destacando sua função simbólica no amadurecimento emocional e cognitivo da criança. Metodologicamente, baseia-se em revisão teórica de autores clássicos e contemporâneos da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento, com análise de casos emblemáticos de narrativas infantis e suas interpretações clínicas. Conclui-se que, ao oferecer à criança um espaço de projeção e simbolização de seus medos e desejos, os contos de fadas cumprem uma função terapêutica e educativa essencial, promovendo integração psíquica e fortalecimento do self.

¹ Centro Universitário Jorge Amado



IMAGENS DA ANCESTRALIDADE: ARTE, PSIQUISMO E RESISTÊNCIA NAS OBRAS DO MAB

¹Maíra Bitencourt Rocha

Este trabalho parte da proposta da professora Dra. Isis Fabiana de Souza Oliveira, orientadora da disciplina Estágio Supervisionado em Processos de Atenção à Saúde III, em realizar uma leitura das obras expostas no Museu de Arte da Bahia (MAB), em Salvador, à luz da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Para tanto, a turma realizou uma visita ao referido museu em 26 de setembro de 2025, cujo objetivo principal foi compreender como as manifestações artísticas estão conectadas a conceitos junguianos; neste caso, às dimensões do inconsciente coletivo e da ancestralidade brasileira, com um recorte escolhido pela autora voltado ao racismo estrutural. A visita ao museu permitiu uma imersão em diferentes expressões simbólicas, especialmente nas pinturas de Carybé, nas fotografias de Pierre Verger e nos bancos indígenas provenientes de diversas regiões do país. Essas obras, ao retratarem o corpo, o sagrado e a resistência, revelam um Brasil profundo, forjado nas matrizes afro-indígenas que sustentam sua identidade cultural. A leitura proposta articula os conceitos de inconsciente coletivo, arquétipo, sombra e individuação aos processos históricos de racismo estrutural, originados de séculos escravistas e das tentativas de apagamento cultural. Nas obras de Verger, os corpos negros fotografados no trabalho, nos ritos, nas festas e no carnaval expressam a presença do sagrado no cotidiano e a força como forma de sobrevivência do povo negro. Já nas pinturas de Carybé, a capoeira e os orixás emergem como imagens arquetípicas da luta, da liberdade e da transcendência, configurando a arte como linguagem do inconsciente coletivo e da ancestralidade brasileira. A análise também considera que o proibicionismo das religiões de matriz africana, a perseguição à capoeira e a destruição das culturas indígenas representam a tentativa histórica de suprimir o psiquismo coletivo afro-indígena, refletindo a recusa da sociedade brasileira em reconhecer suas próprias raízes. Contudo, as obras analisadas mostram que a arte resiste ao apagamento e atua como campo simbólico de elaboração psíquica e social. O MAB, ao reunir expressões afro-brasileiras e indígenas, transforma-se em território de memória e individuação coletiva, onde a arte assume função revolucionária, terapêutica, integradora e de resistência. Ao refletir sobre as imagens da ancestralidade presentes nas obras, o trabalho evidencia que a arte, para além da estética, pode ser compreendida como instrumento de reconciliação entre o individual e o coletivo, entre o passado e o presente, revelando um Self brasileiro plural, ferido, mas em contínuo processo de cura e integração.

¹ Centro Universitário Jorge Amado



UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA EM CALAFRIOS

¹Alex Anderson Gonçalves da Silva

²Eduardo Reis Silva

José Mojica Marins, mais comumente conhecido pelo personagem que lhe deu fama, Zé do Caixão, é a figura mais notória no cenário brasileiro de filmes de horror. Sua trajetória como diretor de longas-metragens iniciou-se coincidentemente no mesmo ano em que João Goulart foi deposto da presidência do Brasil e um governo militar que pregava valores conservadores assumiu o comando do país. A ditadura militar durou mais de duas décadas, mais precisamente 21 anos, e foi marcada por perseguições, assassinatos, violações de direitos humanos e uma forte censura às produções artístico- culturais brasileiras. Neste contexto, Marins dirigiu e protagonizou os filmes *À Meia Noite Levarei sua Alma* (1964) e *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* (1967), ambos de grande sucesso de público, e que são retomados nesta pesquisa com o objetivo de compreender como a disseminação do medo fora das telas impactou na criação do personagem Zé do Caixão, um dos mais emblemáticos do cinema de horror, e que viria a aterrorizar de forma recorrente o imaginário popular brasileiro, atraindo não somente os olhares do público, como também da crítica especializada e dos censores à época. Ancorado pelos ensaios do crítico americano Robin Wood, que apresenta o cinema de horror enquanto espaço de representação dos oprimidos, a pesquisa visa observar de forma analítica esses dois filmes, bem como o contexto socioeconômico e a cinematografia do próprio diretor, utilizando como base os estudos do gênero de horror no Brasil realizados pela pesquisadora Laura Loguercio Cánepa e o método de análise fílmica proposto pela Teoria dos Cineastas, conceito desenvolvido pelos pesquisadores André Rui Graça, Eduardo Baggio e Manuela Penafria. Espera-se que através desse estudo possamos compreender o cenário de cinema de horror que estava sendo construído nesse período no Brasil e como tais filmes foram fundamentais para a consolidação do gênero no cinema brasileiro, colocando um holofote sobre a disseminação do medo dentro e fora das grandes telas

¹ Graduando em Cinema - Centro Universitário Jorge Amado

² Doutor em Artes Cênicas UFBA e Mestre em Literatura Comparada PUC de São Paulo.



A CONSTRUÇÃO COLONIAL DOS ESTIGMAS SOCIAIS DOS TRANSTORNOS MENTAIS ASSOCIADOS ÀS IDENTIDADES CULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS

¹Alana de Lima Alves

²Ana Luiza Silva Oliveira

³Guilherme da Silva Muniz dos Santos

⁴Keilla Raissa Cavalcante de Matos

⁵Yasmin Fernandes Matos

A construção colonial do que são considerados transtornos mentais intersecta as identidades culturais afro-brasileiras e a sua experiência em território antes, durante e após a existência dos manicômios. A norma cultural eurocentrada, pela qual a sociedade brasileira foi concebida, marginaliza essas identidades e se torna a base dessa intersecção, a qual compreende e trata a saúde mental por meio de um modelo racionalista e biomédico colonial que desconsidera as dimensões raciais do sofrimento psíquico. Objetiva-se, por meio do presente trabalho, incentivar a produção científica acerca da construção colonial excludente do estigma social, no que diz respeito aos transtornos mentais, associado às identidades afro-brasileiras e desnortear a compreensão eurocêntrica das psicopatologias, haja visto que os trabalhos utilizados como referências não abordam o tema de maneira direta. O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica/pesquisa exploratória por meio de materiais on-line através das bases de dados SciELO e CAPES. Foram utilizadas as palavras-chave: estigmatização, transtorno mental, identidades culturais afro-brasileiras, colonialidade, manicômio. Os critérios de inclusão foram: texto completo, ser em língua portuguesa, ser dos últimos 5 anos, foram utilizados 9 artigos relacionados ao tema e um livro. Como limitação, identificou-se pouca disponibilidade de referências específicas sobre o tema, além de uma correlação invisibilizada entre as definições atuais do que são os transtornos mentais e a experiência vivenciada pelos povos da cultura de matriz africana, que é decorrente de uma visão eurocêntrica do que é um funcionamento psíquico adequado. Assim, enfatiza-se a relevância da discussão para viabilizar uma perspectiva racializada e decolonial da construção do estigma dos transtornos mentais. Portanto, percebeu-se a necessidade de fazer uma investigação a respeito da estigmatização da cultura de matriz africana e a consequente patologização de suas identidades culturais, em que existe uma associação com a experiência da cultura afro-brasileira na construção estigmatizada de como é vista a desorganização psíquica. Nesse sentido, a cultura afro-brasileira com seus ritos, cultos e expressões espirituais e culturais, como alucinações e a coexistência de múltiplas "personas" em um único sujeito, eram interpretados como sinais de patologias, já sendo estes "sintomas" estigmatizados a partir de um viés racial. Dessa maneira, seus modos de vida e identidades

¹ Centro Universitário Jorge Amado

² Centro Universitário Jorge Amado

³ Centro Universitário Jorge Amado

⁴ Centro Universitário Jorge Amado

⁵ Centro Universitário Jorge Amado



culturais foram patologizados, de modo a serem alocados no conceito de “loucura” e aprisionados, posteriormente, nos espaços que viriam a ser denominados manicômios, instituições de controle pautado em uma política civilizatória excludente. Posto essa experiência, nota-se a coexistência estigmatizante das expressões culturais afro-brasileiras e do rótulo de “doente mental”. Nesse contexto, entende-se como um processo de estigmatização potencializa o outro e como a ideia do que seria um sujeito desorganizado psiquicamente é construída socialmente de modo racialmente enviesado. A exemplo desse controle, no Hospital Colônia de Barbacena, as pessoas tinham suas cabeças raspadas, roupas arrancadas, perdiam seus nomes, e eram identificadas por números pelos funcionários, reforçando a desumanização e apagamento identitário causados por tal prática. Diante a essa limpeza étnico-cultural, explica-se a invisibilização da experiência afro-brasileira frente a influência da colonialidade na construção da “loucura” e da “sanidade”, visto que a identidade desse povo passou por um processo de apagamento e a sua presença nos manicômios foi ocultada, bem como os desdobramentos dessa violência minimizados. Mesmo após a Reforma Psiquiátrica brasileira, padrões de exclusão racial permanecem e se refletem na ausência de estudos e políticas públicas em saúde mental voltadas para a população negra. As comunidades terapêuticas, a título de exemplo, representam a continuidade de uma lógica manicomial em suas práticas, reproduzindo o controle e a segregação sob novas formas institucionais, mesmo após os avanços conquistados pela luta antimanicomial.



E SE A SOMBRA SE SOBREPOR A PERSONA?

¹Tarsila dos Santos Araujo

²Claudia Campos Rocha

³Alessandra Vinhas de Almeida

⁴Simone Barreto Novaes

O filme *Coringa*, de Todd Phillips, lançado em 2019, conta a história de Arthur Fleck, um homem de meia idade que trabalha fazendo bicos numa empresa que terceiriza palhaços para conseguir clientes na frente de lojas ou entretendo crianças hospitalizadas. O presente trabalho busca analisar a transformação psíquica de Arthur Fleck, sob a ótica da Psicologia Analítica Junguiana, apresentando e explicando através da cinematografia conceitos básicos como Sombra, Persona, Complexo, Enantiodromia, Individuação. Tal análise na perspectiva da psicologia de Carl Gustav Jung, explica como a Sombra pode apresentar comportamentos desviantes, violentos e antissociais, típicos do não reconhecimento e não integração desta, que quando ignorada, pode dominar o indivíduo e gerar comportamentos extremos e perigosos. No desenrolar da trama, é apresentado um Arthur que vive com a mãe, uma mulher física e mentalmente doente, cuja aspiração é se tornar comediante de stand up, mas que vive em estado de sofrimento psíquico, alijado pela sociedade e pelo serviço público de saúde. O filme delineia um Arthur que anseia por ouvidos e olhos acolhedores, e que durante sua jornada, descobre uma carta de sua mãe onde ela apresenta a informação de que Thomas Wayne seria seu pai. Arthur parte em busca do reconhecimento de seu suposto pai e, ao ler o relatório do Asilo Arkham, descobre um segredo obscuro sobre seu passado. Inicialmente completamente identificado com a Persona "Feliz", Arthur, um homem marcado por traumas e exclusão social, após cometer um assassinato que lhe dá visibilidade midiática, segue progressivamente sendo dominado por sua Sombra num processo descrito pela Psicologia Junguiana como Enantiodromia. A ausência de apoio emocional, terapêutico e social impedem que Arthur integre esses conteúdos ao Ego de forma saudável, bloqueando sua jornada de Individuação. Com um Ego fragilizado e instável, ele é tomado pela Sombra, que assume a Imago do Coringa, agora mais poderosa do que sua antiga identidade.

¹ Centro Universitário Jorge Amado

² Centro Universitário Jorge Amado

³ Centro Universitário Jorge Amado

⁴ Centro Universitário Jorge Amado



POR OUTRAS MATERNIDADES EM DERIVA

¹Ana Luísa de Oliveira dos Santos

²Eduardo Reis Silva

Esse texto tem o objetivo de analisar a produção dos sentidos de maternidade trans, inscritos na obra cinematográfica dos diretores Luís Pinheiro e Dainara Toffoli, na série brasileira de 2021 “Manhãs de Setembro”. Pretende-se, portanto, a partir da leitura dessa obra, tecer uma abordagem sobre as rasuras elaboradas pelo cinema contemporâneo no cerne do pensamento ocidental, no tocante aos atravessamentos das “trans-maternidades”. No contexto do filme, ao relatar a luta de uma mulher trans pelos seus direitos, o discurso cinematográfico acaba por delinear uma ética, produzindo uma identidade familiar que vai se construindo entre os conflitos que se impõem no cotidiano e nas conquistas da personagem Cassandra, uma mulher trans, que descobre a existência de um filho tardiamente. Trata-se de um cinema que pensa e legitima, em imagem, a produção de afetos, ao confrontar o espectador, inserindo-o no ponto de vista da personagem Cassandra. Assim, a partir da maternidade experimentada por esta personagem, tendo em vista todo um discurso histórico segregador, que encarcerou essas existências como inadequadas ao espaço da maternidade e do afeto, é que se tensionam os regimes binários de gênero com suas impossibilidades e limitações, abrindo para a produção de pensamento fora de referenciais heteronormativos e moralizantes. Por outro lado, pretende-se analisar como os procedimentos narrativos e cinematográficos levam o espectador a um outro lugar de visão. São, portanto, aspectos a serem abordados nas rasuras realizadas nos próprios conceitos de maternidade. A partir da análise das cenas, buscaremos compreender como se atualizam, nessa dramaturgia, as ideias de maternidade e afeto. Nesse caminho de análise, pretende-se refletir sobre como a arte descentraliza o pensamento heteronormativo, produzindo desterritorializações. Trata-se de cartografar rasuras no tecido fílmico dos binarismos produzidos por uma sociedade heterocentrada. Para tratar desses conceitos e da análise da imagem, serão discutidos aspectos teóricos abordados por Paul B. Preciado, Didi-Huberman.

¹ Graduanda em Cinema - Centro Universitário Jorge Amado.

² Doutor em Artes Cênicas UFBA e Mestre em Literatura Comparada PUC de São Paulo.



QUE CINEMA É ESTE QUE NASCE QUANDO O OUTRO MORRE?

¹Webster Silva Santana

O cinema já passou por diversos processos de transformação, cada etapa foi transformando a interação com o espectador. O Cinema nasce assustando o espectador com a realidade, a chegada do trem à estação, onde as pessoas se assustavam com a projeção e o medo do trem. Com o passar dos anos, novos adventos foram surgindo, a cor trouxe novos desafios e percepções, tal qual a televisão, o VHS, o DVD, a pirataria e o streaming. O espectador passa de uma experiência coletiva para uma cada vez mais individualizada, o Cinema, os filmes nesse caso, são realocados de lugar, se tornam descentralizados, podem ser vistos em qualquer lugar, a qualquer momento, em dispositivos de tamanhos diferentes (CASETTI, 2012). Francesco Casetti em seu artigo “The relocation of cinema” aborda sobre como as metáforas que traziam significado para a tela de cinema são transformadas com as chegadas das novas mídias; o cinema que era considerado uma janela, um quadro e um espelho tem seus sentidos transferidos para se encaixarem na sociedade moderna, passa agora a ser um monitor, um quadro de avisos e caixa de recados, personalizados, fragmentados e frequentes. O deslocamento atribuído por Casetti dialoga com a proposta de mediações idealizada por Jesús Martín-Barbero (2006), a transformação dos meios de recepção cinematográficas não são apenas transformações materiais, mas também sociais e culturais. O avanço histórico permitiu novas técnicas para o consumo cinematográfico, que por consequência transformaram a maneira de se relacionar com a obra, sua ritualidade e socialidade, a ida ao cinema, pela vivência fragmentada de filmes pelas redes sociais (MIAO, 2022). A vigente pesquisa busca compreender e refletir como as novas mídias como TikTok estão transformando a relação de experiência do espectador com os filmes. Para a realização da pesquisa foi feita uma revisão bibliográfica em adjunto de uma pesquisa de campo, na qual 67 pessoas foram questionadas, através de um formulário online, sobre a relação que apresentam com as formas de consumir filmes, colocando em foco quantidade, esporadicidade e avaliação subjetiva.

¹ Graduando em Cinema no Centro Universitário Jorge Amado.



NOS RASTROS DE RELATOS SELVAGENS: MOVIMENTOS ABERRANTES E LÓGICAS IRRACIONAIS

¹Leticia Beserra de Souza

²Eduardo Reis Silva

Este estudo pretende analisar a obra cinematográfica *Relatos Selvagens*, de 2014, do cineasta argentino Damián Szifron, com foco nas exacerbações das relações interpessoais das sociedades hipermodernas. Trata-se, portanto, de investigar os mecanismos de leitura e criação fílmica deste longa e, especialmente, criar uma cartografia dos movimentos aberrantes e de suas lógicas irracionais contidas em cada episódio desta obra. No contexto do filme, por ser antológico, são contadas histórias distintas com personagens diferentes, assim, os seis contos independentes abordam sobre violência, vingança e perda de controle sobre situações cotidianas ou injustiças, demonstrando como o lado bárbaro da sociedade e a essência violenta do ser humano em ambientes frustrantes, traiçoeiros e exploratórios podem levar as pessoas a terem reações extremas. O filme utiliza de um humor ácido, do drama e do suspense para criticar ironicamente a desigualdade social, a corrupção, a impunidade, a burocracia, a traição e a natureza primitiva que emerge aos indivíduos quando atingem seus limites, refletindo a fúria reprimida das sociedades hipermodernas. O conceito de “movimentos aberrantes”, analisado por David Lapoujade, acerca do pensamento de Gilles Deleuze se materializa cinematograficamente na produção de Szifron, ao criar em seu filme, uma ruptura irracional e ilógica do que é considerado “normal” e “civilizado”. Os relatos selvagens evidenciam os rastros dos pensamentos e das atitudes perversas, que nos levam ao questionamento da partilha do comum, pois forçam o transbordamento dos limites cognitivos, em direção ao impensável e ao invivível, dentro do que se pode esperar de uma compreensão de sociedade possível. Além disso, há uma conexão dessa discussão com a questão da Segurança e a Teoria Crítica. Nas Relações Internacionais, tais debates são utilizados para criticar as estruturas de poder, a guerra de todos contra todos em um sistema que falhou, portanto, sob a luz do filme, as estruturas de poder injustas (burocracia opressiva, corrupção, dinâmica de poder desigual, pobreza) levam ao colapso ético da sociedade. Desse modo, a utilização do formato antológico dos relatos evidencia um problema generalizado e sistemático das sociedades hipermodernas.

¹ Graduanda em Relações Internacionais no Centro Universitário Jorge Amado.

² Doutor em Artes Cênicas UFBA e Mestre em Literatura Comparada PUC de São Paulo.



QUANDO O FILME DELIRA: PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS NO CINEMA DE DAVID LYNCH

¹Bruno Mateus de Souza Abbade

²Cauan Antonio Reis

³Midian Angélica Monteiro Garcia

A arte pode ser considerada um modo de produção de realidade, já que transpõe, para uma outra ordem, palavras, imagens, sons, onde todos esses elementos adquirem nova significação. Podemos pensar nessa produção no cinema como baseada numa atribuição de significados: o espectador pressupõe as razões que conectam o que assiste ao sentido que está sendo construído, e o filme é percebido como um texto. No entanto, a linguagem cinematográfica é contraditória: o filme não é apenas uma realidade, mas também sua interpretação e, dessa forma, não precisa obedecer regras para a criação de sentido. O objetivo do presente trabalho é analisar os filmes *Cidade dos Sonhos* (2001) e *Eraserhead* (1977), ambos dirigidos por David Lynch (1946-2025), numa perspectiva psicanalítica, como formas de produção de realidade. Não se pretende aqui um esgotamento dos símbolos apresentados nos filmes, mas uma leitura possível, que encoraje outras significações. Para realizar essa pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico acerca da produção cinematográfica, bem como da teoria psicanalítica em sua relação com a arte e com os conceitos de delírio e realidade. Com base nesse referencial, observa-se que, ao criar um cinema opaco e revelar os modos de produção do próprio filme, Lynch produz uma realidade e a escancara como ilusória, instaura uma rasura onde a organização é esperada. O diretor se propõe a manipular o tempo, o espaço, a percepção, e há tantas interpretações possíveis de seus filmes quanto há pessoas dispostas a assisti-los. Isso porque não os alcançamos diretamente: somos sempre atravessados por algo que escapa ao sentido. A teoria psicanalítica nos apresenta a uma ideia de diferentes relações com a “realidade”, nunca tocada de maneira crua, sempre através da mediação simbólica da linguagem. Assim como no cinema, mediado por escolhas estéticas e narrativas, não há uma realidade “pura”, a psicanálise nos aponta que a experiência humana é construída subjetivamente, atravessada pelo inconsciente, pela fantasia, pelo desejo. O próprio delírio, então, é entendido como uma forma de relação com o mundo. Em suma, nas duas obras citadas, o diretor nos lembra que o cinema é encenação: somos enganados enquanto tentamos sucessivamente encerrar um significado. Os filmes de Lynch escancaram que, talvez, tudo o que temos como certo — a racionalidade, a “realidade” — não seja tão sólido assim.

¹ Graduando em Psicologia - Centro Universitário Jorge Amado.

² Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade Estadual da Bahia (PPGEL / UNEB). Especialista em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana (EBP/BAHIANA) Psicólogo, psicanalista.

³ Doutoranda em Artes Cênicas UFBA e Mestre em Literatura UFBA.



INQUIETAÇÕES DE UM CORPO POTENTE

¹Isabelle Oliveira Ribeiro de Jesus

²Midian Angélica Monteiro Garcia

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os aspectos sonoros e visuais presentes no filme brasileiro “Que Horas Ela Volta” da diretora Anna Muylaert, obra realizada em 2015, buscando compreender os gestos de montagem como procedimentos de mediação entre o cultural, o estético e o político. A proposta concentra-se, portanto, em identificar como, na composição fílmica, a referida diretora brasileira, a partir dos procedimentos de montagem, produz tensões nas estruturas de uma sociedade construída em bases sólidas de desigualdades sociais e raciais. Trata-se, portanto, de analisar a produção de rasuras e rupturas no status quo, realizadas nos próprios modos de montagem das cenas, ou seja, na produção de sonoridades, nos procedimentos visuais e nos movimentos dos personagens no espaço privado da casa dos patrões. O enredo do filme “Que Horas Ela Volta” apresenta a trajetória da doméstica Valdirene, que migrou do nordeste do Brasil para São Paulo, em busca de melhorias na qualidade de vida, e sua filha Jéssica, que precisa de um lugar para se instalar durante seu período como vestibulanda. Diferente do que ocorre com a mãe, o que se vislumbra nos movimentos realizados pelo corpo da personagem Jéssica são ações que redefinem, que borram limites e que delineiam outros trajetos enquanto ela se posiciona, produzindo rupturas quanto aos papéis previstos socialmente e quanto aos espaços a ela destinados. No caso específico da personagem Jéssica, trata-se de reconfigurar o lugar estereotipado, construído para a filha da empregada doméstica. Dessa forma, pretende-se, nesta comunicação, discutir a maneira como o cinema de Anna Muylaert, mais especificamente no filme “Que Horas Ela Volta?”, propõe a transvaloração de valores construídos, pactuados e selados social e culturalmente, nos próprios modos de produção do seu cinema, identificando assim como a imagem, o som e outras expressões não verbais no espaço da ficção, podem produzir gestos de remontagem da realidade.

¹ Graduanda em Psicologia - Centro Universitário Jorge Amado

² Doutoranda em Artes Cênicas UFBA e Mestre em Literatura UFBA.